

Cícero e o propósito da criação do homem: tradução do capítulo XIV da obra *De ira Dei* de Lúcio Cecílio Firmiano Lactânncio

Cristóvão José dos Santos Júnior
Doutor em Literatura e Cultura (UFBA)
cristovao_jsjb@hotmail.com

RESUMO: Esta é a primeira tradução integral para a língua portuguesa do capítulo XIV da obra *De ira Dei* (*Sobre a ira de Deus*), atribuída ao escritor africano Lactânncio, que teria vivido entre os séculos III e IV. Essa composição pertence, portanto, à Antiguidade Tardia, um período ainda pouco estudado em pesquisas desenvolvidas em nosso idioma. O escrito apresentado possui um conteúdo apologético, buscando defender a doutrina cristã em oposição ao paganismo. Na décima quarta seção, Lactânncio defende, a partir do pensamento de Cícero, que a natureza humana foi feita para amar ao próximo e honrar a Deus. Por fim, o texto de chegada proposto foi desenvolvido a partir da edição crítica estabelecida pela Sources Chrétiennes (1982).

108

Palavras-chave: Lactânncio; criação do homem; Antiguidade Tardia; filosofia moral cristã; paganismo.

Cicero and the purpose of man's creation: translation of chapter XIV of *De ira Dei* by Lucius Caecilius Firmianus Lactantius

ABSTRACT: This is the first full translation of chapter XIV of *De ira Dei* into Brazilian Portuguese. The authorship of *De ira Dei* is ascribed to Lactantius, an African writer, who is presumed to have lived between the 3rd and 4th centuries. Therefore this author is enrolled as one of the Late Antiquity, a period to which little researches were still devoted in Portuguese. The text translated in this essay has an apologetic content, seeking to support Christian doctrine in opposition to paganism. In the fourteenth section of *De ira Dei*, based on Cicero's thought, Lactantius defends that human nature was build intending to love one's neighbor and honor God. To translate Lactantius text, the critical edition established by Sources Chrétiennes (1982) was adopted.

Keywords: Lactantius; creation of man; Late Antiquity; Christian moral philosophy; paganism.



Lactânncio e sua obra *De ira Dei*

Pouco se sabe sobre a vida de Lúcio Cecílio (ou Célio) Firmiano Lactânncio. Quanto a estudos de ordem biográfica, seus comentadores costumam se utilizar de algumas indicações realizadas por Jerônimo em suas obras *De uiris illustribus* e *Chronicon*. Nesse sentido, considera-se que Lactânncio teria sido originário da Numídia e teria vivido entre os séculos III e IV d.C., pertencendo, portanto, à Antiguidade Tardia. Ele foi um escritor e professor de retórica africano discípulo de Arnóbio de Sica, tendo se notabilizado por suas produções de matriz doutrinária cristã. Ademais, em decorrência de sua boa relação com a família imperial, ele se tornou o preceptor de Crispo, filho de Constantino.

A *De ira Dei* (*Sobre a ira de Deus*) apresenta forte conteúdo apologético, inserindo-se em um curioso embate discursivo entre pagãos e cristãos, o que está diretamente articulado à sua conjuntura tardo-antiga. Assim, são postos em tensionamento dialógico a tradição cultural clássica e o teocentrismo, demarcando-se um particular processo de transição de pensamento engendrado entre a Antiguidade pagã e o Medievo cristão.

O cenário de enfrentamento de perspectivas filosófico-doutrinárias é particularmente vislumbrado na *De ira Dei* em que se busca legitimar, consoante assevera Tigges Júnior (2007), a ideia de providência divina com reverberações em âmbitos políticos e religiosos. O tradutor italiano Luca Gasparri (2013) ressalta, inclusive, a busca de Lactânncio por justificação do *adfectus* divino, frisando que essa seria a única composição antiga integralmente dedicada à discussão da cólera de Deus.

É também notável o eco dos escritos lactancianos em alguns autores tardo-antigos cristãos, a exemplo de Santo Agostinho e de Fulgêncio, o Mitógrafo¹, que foi alvo de um recente empreendimento tradutório em língua portuguesa². José Amarante (2018) enfatiza que Lactânncio teria sido uma das principais fontes das *Mitologias* de Fulgêncio, sinalizando o emprego lactanciano de interpretações evemeristas³ e morais.

¹ O epíteto de Mitógrafo costuma ser empregado em virtude da repercussão das *Mitologias* na Idade Média, mas também para diferenciar seu compositor de seu homônimo que foi Bispo da cidade de Ruspe. Ademais, esses dois Fulgêncios compartilham um conturbado processo de transmissão textual, que foi estudado, em língua portuguesa, por Cristóvão Santos Júnior (2019b) no artigo “O problema da transmissão textual entre os dois Fulgêncios”.

² As *Mythologiae* foram traduzidas por José Amarante (2019), a *Continentiae*, por Raul Moreira (2018), e a *Sermonum*, por Shirlei Almeida (2018). Quanto à *De aetatibus*, já estão disponíveis as traduções do prólogo, lipogramática e alipogramática, e as traduções lipogramáticas do Livro I (Ausente A), do Livro II (Ausente B), efetuada em um artigo que debate determinados aspectos pós-estruturalistas da proposta tradutória, do Livro III (Ausente C), do Livro IV (Ausente D), do Livro VII (Ausente G) e do Livro XII (Ausente M), efetuadas por Cristóvão Santos Júnior (2019c; 2019d e 2020^a; 2020b; 2020c; 2020e; 2020f) e por Cristóvão Santos Júnior em coautoria com José Amarante (2020).

³ O evemerismo, atribuído a Evêmero de Messina (cerca de IV a.C.) e muito adotado por autores cristãos, diz respeito a uma corrente interpretativa de cunho filosófico que orienta o processo de

Em que pese a relevância de nosso compositor, ainda não há, pelo que nos foi possível observar, uma tradução integral da *De ira Dei*⁴. Assim, nosso projeto visa exatamente ao preenchimento dessa lacuna, de modo a se traduzir todos os 24 capítulos que integram a obra.

Nesse processo, buscamos, em nosso texto de chegada, produzir um efeito de aproximação do leitor com o âmbito religioso, a partir da escolha de certas unidades lexicais que aludem ao meio litúrgico. Quanto a isso, é importante notar que o texto em estudo já se conforma em um “latim cristão”, de forma que os usos linguísticos nele exarados não se confundem com as formulações tipicamente encontradas em escritos do período clássico. Em tal senda, o tradutor é também desafiado a buscar saídas que, em alguma medida, cultivem as marcas da linguagem lactanciana.

Meditando acerca da religiosidade consubstanciada no texto examinado, escolheu-se traduzir *antistes* por “sacerdote”, *templum* por “templo”, *opus* por “obra”, *uirtus* por “virtude”⁵ e *societas* por “comunhão”. Lactância também faz largo emprego de operadores argumentativos e termos intensificadores ou de realce que se articulam ao caráter apologético de sua obra, algo que buscamos, similarmente, semear em nossa proposta. Assim, traduzimos *enim* – empregado quatro vezes – por “de fato”, *profecto* por “incontestavelmente” e *plane* por “claramente”. Há, ainda, elementos que remetem à tradição filosófica que constitui o discurso de nosso autor, a exemplo de *prudentia* (“prudência”), *ratio* (“razão”) e *natura* (“natureza”).

Note-se, por fim, que, dialogando continuamente com a tradição clássica, Lactância menciona, ao longo da *De ira Dei*, um conjunto de pensadores, a fim de justificar sua óptica cristã legitimadora da cólera divina, no que imprime, até mesmo, leituras anacrônicas. Assim, já no primeiro capítulo, ele menciona o paradoxo socrático, asseverando que Sócrates afirmou nada saber justamente pelo fato de que não existiria sabedoria humana, visto que o conhecimento da verdade seria divino⁶. Na seção ora apresentada, por sua vez, nosso escritor já dialoga com Cícero, alegando que a vontade celeste é de que o homem seja justo, amando seus irmãos e honrando a Deus, em conformidade com a defesa ciceroniana de que o ser humano nasceria para a justiça.

humanização dos deuses pagãos, a serem compreendidos, nessa perspectiva, como meras personagens históricas.

⁴ Paulo Tigges Júnior (2007) empreendeu a tradução de alguns trechos da *De ira Dei* em sua Dissertação de Mestrado intitulada “História, memória e identidade no século IV d.C.: Lactância e a ação da Providência na construção de uma ordem política cristã”. Quanto às realizações em línguas estrangeiras, a *De ira Dei* foi traduzida para o eslovaco por Tomáš Bajus (2005); para o italiano por Umberto Boella (1973) e Luca Gasparri (2013); para o alemão por Gerhard Crone (1952); para o francês por Christiane Ingremeau (1982) e para o inglês por Mary Francis McDonald (1965).

⁵ Note-se que, buscando escapar de possíveis anacronismos, os tradutores costumam evitar o termo “virtude” para a tradução de *uirtus*, quanto a textos do período clássico.

⁶ A tradução do capítulo I já foi publicada por Cristóvão Santos Júnior (2020e).

1. Texto de partida latino

14, 1. Sequitur ut ostendam cur fecerit hominem ipsum deus.

Sicut mundum propter hominem machinatus est, ita ipsum propter se tamquam diuini templi antistitem, spectatorem operum rerumque caelestium. 2. Solus est enim qui sentiens capaxque rationis intellegere possit deum, qui opera eius admirari, uirtutem potestatemque perspicere; idcirco enim consilio mente prudentia instructus est, ideo solus praeter ceteras animantes recto corpore ac statu fictus est, ut ad contemplationem parentis sui excitatus esse uideatur; ideo sermonem solus accepit ac linguam, cogitationis interpretem, ut enarrare maiestatem domini sui possit, postremo idcirco ei cuncta subiecta sunt ut fictori atque artificii deo esset ipse subiectus.

3. Si ergo deus hominem suum uoluit esse cultorem ideoque illi tantum honoris attribuit ut rerum omnium dominaretur, utique iustissimum est et eum qui tanta praestiterit amare et hominem qui sit nobis cum diuini iuris societate coniunctus. Nec enim fas est cultorem dei a dei cultore uiolari. 4. Vnde intellegimus religionis ac iustitiae causa esse hominem figuratum. Cuius rei testis est Marcus Tullius in libris De legibus ita dicens: «Sed omnium quae in doctorum hominum disputatione uersantur, nihil est profecto praestabilius quam plane intellegi nos ad iustitiam esse natos». 5. Quod si est uerissimum, deus ergo uult omnes homines esse iustos, id est deum et hominem caros habere, deum scilicet honorare tamquam parentem, hominem diligere uelut fratrem; in his enim duobus tota iustitia consistit. 6. Qui ergo aut deum non agnoscit aut homini nocet, iniuste et contra naturam suam uiuit et hoc modo inrumpit institutum legemque diuinam.

111

2. Texto de chegada em língua portuguesa

14, 1. A seguir, eu mostrarei porque Deus teria feito o próprio homem. Assim como Ele criou o mundo em função do homem, também o próprio homem Ele criou para si, como sacerdote do templo divino, um espectador das obras e das coisas celestes. 2. De fato, só o homem – que percebe com os sentidos e é capaz de razão – pode compreender Deus, admirar suas obras e perceber seu poder e sua virtude. Por esse motivo, de fato, ele foi munido com prudência, inteligência e juízo. Por isso, só ele, para além dos demais seres vivos, foi moldado com uma estatura e um corpo ereto, de modo que fosse concebido a ser convocado para a contemplação de seu Pai⁷. Por isso, só ele recebeu a palavra e

⁷ Quanto à postura ereta do homem, é oportuno recordamos os dizeres de Ovídio nos versos 84 –86 do Livro I de suas *Metamorfoses*, mediados pela tradução de Domingos Lucas Dias (2019, p.49): “Enquanto os outros animais olham a terra inclinados sobre ela, ao homem deu um rosto ereto e determinou-lhe que olhasse o céu e elevasse para os astros a sua face”.

a língua, como intérprete do pensamento, de modo que pudesse narrar a majestade de seu Senhor. Por isso, enfim, todas as coisas lhe foram submetidas, de modo que ele próprio estivesse sujeito a Deus, seu artífice e também escultor.

3. Se, portanto, Deus quis que o homem fosse seu adorador e, por isso, atribuiu-lhe tanta honra, de modo que ele dominasse todas as coisas, é, absolutamente, justíssimo tanto amar Aquele, que ofereceu tantas coisas, como o homem, ligado a nós pela comunhão do direito divino⁸. De fato, não é divinamente legítimo que um adorador de Deus seja ofendido por outro adorador de Deus. 4. Desse lugar, compreendemos que o homem foi moldado por causa da justiça e da religião. Disso, Marco Túlio é testemunha em seu Livro *Sobre as Leis*, dizendo assim: “Mas – de todas as questões tratadas na discussão dos homens doutos – nada é, incontestavelmente, mais notável do que compreender claramente que nós nascemos para a justiça”. 5. Se isso é genuinamente verdadeiro, logo, é porque Deus quer que todos os homens sejam justos, isto é, que tenham estima a Deus e ao homem, assim como, naturalmente, honrem o Deus Pai e amem o homem como irmão. De fato, toda a justiça se faz presente nesses dois preceitos. 6. Portanto, aquele que ou não reconheceu Deus ou fez mal ao homem tanto vive injustamente contra a sua natureza como, desse modo, viola seu propósito e a lei divina.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. A “*Expositio Sermonum Antiquorum*”, de Fulgêncio, o **Mitógrafo**: estudo introdutório, tradução e notas. 2018. 130 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

AMARANTE, J. **O livro das Mitologias de Fulgêncio**: os mitos clássicos e a filosofia moral cristã. Salvador: Edufba, 2019.

AMARANTE, J. A explicação fulgenciana para o surgimento dos deuses: um amálgama pagão-cristão? **Revista Hypnos**, São Paulo, v. 41, 2º sem., 2018, pp. 215-236.

BAJUS, T. **Lactantius, De ira Dei**. O hneve božom Alebo o existencii dobra a zla vo svete, preklad, T. F. Bajus. Michalovce, 2005.

⁸ Vide Mateus 22: 37 – 39, em que se defende a necessidade de o homem amar o próximo como a si mesmo.

BOELLA, U. **Institutiones, De opificio Dei, De ira Dei**. Classici della Filosofia cristiana 5. Firenze: Sansoni, 1973.

CRONE, G. **Lactantius; eine Auswahl aus der Epitome, De ira Dei, und De mortibus persecutorum**. Paderborn: Schöningh, 1952.

GASPARRI, L. **Lattanzio: la collera di Dio**. Bompiani: Milão, 2013.

LACTANCE, **La Colère de Dieu**. Introduction, texte critique, traduction, commentaire et index par C. Ingreneau, Paris Éd. du Cerf :, 1982.

MCDONALD, M. **Lactantius: The Minor Works**. The Fathers of the Church 54. Washington: Catholic University of American Press, 1965.

MOREIRA, R. A **“Exposição dos conteúdos de Virgílio”, de Fulgêncio: estudo introdutório e tradução anotada**. 2018. 156 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

OVÍDIO. **Metamorfoses**. Trad. Domingos Lucas Dias. São Paulo: Editora 34, 2017.

113

SANTOS JÚNIOR, C. J. A *De aetatibus mundi et hominis* sem a letra ‘a’, por Fulgêncio, o Mitógrafo: tradução lipogramática do prólogo. **Nuntius Antiquus**, Belo Horizonte, 16 jul. 2020. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/nuntius_antiquus/article/view/19416. Acesso em: 19 jul. 2020.

SANTOS JÚNIOR, C. Fulgêncio sem a letra ‘C’ tradução do livro III do lipograma de AETATIBUS MUNDI ET HOMINIS. **Belas Infiéis**, Brasília, v. 9, n. 1, p. 243-249, 2020a. DOI: <https://doi.org/10.26512/belasinfiéis.v9.n1.2020.26021>. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/26021>. Acesso em: 21 maio 2020.

SANTOS JÚNIOR, C. A vida de Jesus Cristo sem a letra ‘m’, por Fulgêncio, o Mitógrafo: tradução do livro XII do lipograma *De aetatibus mundi et hominis*. **PhaoS**, Campinas, v. 20, p. 1-8, 2020b. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/phaos/article/view/13496>. Acesso em: 13 jun. 2020.

SANTOS JÚNIOR, C. A problemática do prólogo da *De aetatibus* e sua tradução alipogramática. **CODEX**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 321-330, 2020c. DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v8i1.31811>. Acesso em: 18 jul. 2020.

SANTOS JÚNIOR, C. A idade bíblica dos juízes sem a letra 'g': tradução do Livro VII do lipograma *De aetatibus mundi et hominis* de Fulgêncio, o Mitógrafo. **Revista Archai**, Brasília, n. 30, p. e03023, 2020d. DOI: https://doi.org/10.14195/1984-249X_30_23. Disponível em: https://impactum-journals.uc.pt/archai/article/view/1984-249X_30_23. Acesso em: 11 ago. 2020.

SANTOS JÚNIOR, C. Sócrates e a inexistência de sabedoria humana, por Lúcio Cecílio Firmiano Lactâncio: tradução do capítulo I da obra *De ira Dei*. **Hypnos**, São Paulo, v. 45, p. 274-280, 2020e. Disponível em: <https://hypnos.org.br/index.php/hypnos/article/view/626>. Acesso em: 11 out. 2020.

SANTOS JÚNIOR, C. O problema da transmissão textual entre os dois Fulgêncios. **Tabuleiro de Letras**, Salvador, v. 13, n. 2, p. 208-226, 2019. DOI: <https://doi.org/10.35499/tl.v13i2.6976>. Disponível em: <http://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/6976>. Acesso em: 10 mar. 2020.

SANTOS JÚNIOR, C. Refletindo a fenomenologia de uma tradução lipogramática da *De aetatibus mundi et hominis*. **PERcursos Linguísticos**, Vitória, v. 9, p. 101-119, 2019a. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/26875>. Acesso em: 13 abr. 2020.

SANTOS JÚNIOR, C. Traduzindo o quarto Livro do lipograma fulgenciano. **A Palo Seco**, Itabaiana, n. 12, p. 90-94, 2019b. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/apaloseco/article/view/12956>. Acesso em: 12 mar. 2020.

SANTOS JÚNIOR, C.; AMARANTE, J. Adão, Eva, Caim e Abel sem a letra 'a', por Fulgêncio, o Mitógrafo: tradução do Livro I do lipograma *De aetatibus mundi et hominis*. **Rónai**, Juiz de Fora, v. 8, n. 1, p. 88-98, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ronai/article/view/27256>. Acesso em: 09 jul. 2020.

TIGGES JÚNIOR, P. **História, memória e identidade no século IV d.C.:** Lactâncio e a ação da Providência na construção de uma ordem política cristã.

112 f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007. Disponível em <http://repositorio.ufes.br/handle/10/6321>. Acesso em 06 nov. 2020.

Data de envio: 22/08/2020

Data de aprovação: 23/10/2020

Data de publicação: 21/12/2020